

## **HISTÓRIA E EXPECTATIVAS DE VIDA ESCOLAR DE UMA ESTUDANTE SURDA DE UM CURSO TÉCNICO INTEGRADO**

### **THE HISTORY AND EXPECTATIONS WITHIN THE EDUCATIONAL LIFE OF A DEAF STUDENT IN AN INTEGRATED TECHNICAL COURSE**

Ityara Aguiar da S.P. Girke<sup>1</sup>

Sarah Leite Lisbão<sup>2</sup>

Carla Ariela Rios Vilaronga<sup>3</sup>

**RESUMO:** Mesmo com políticas específicas e legislações definidas para Educação Especial nos últimos anos, os institutos federais se organizam de diferentes formas e com distintas propostas educacionais para os estudantes Público Alvo da Educação Especial. Em relação ao estudante surdo, o que se almeja em sua trajetória escolar é que ela seja acessada através da Língua Brasileira de Sinais, em um contexto bilíngue, com a Libras como sua primeira língua e a modalidade escrita da Língua Portuguesa. Com base nesse contexto, o objetivo dessa pesquisa foi descrever e analisar a trajetória e a expectativa de vida escolar/profissional de uma estudante surda, que frequentava o último mês de um dos cursos Técnicos Integrados do Instituto Federal de São Paulo. A estudante tinha 19 anos, filha de pais ouvintes, fluente em Língua de sinais. Optou-se por trabalhar com entrevista, usando-se técnica de história de vida na elaboração do roteiro e condução da entrevista, pois o intuito era compreender o tempo histórico e o lugar social. A entrevista teve duração de cerca de uma hora e meia, foi realizada via vídeo chamada com a presença das 3 autoras e a participante surda. As perguntas foram proferidas em Língua Portuguesa e as respostas foram em Libras, sempre com a interpretação simultânea pelas autoras-intérpretes. Toda a entrevista foi gravada pelo dispositivo de gravação da ferramenta escolhida para a vídeo chamada e posteriormente transcrita para texto para as necessárias consultas. O conteúdo da entrevista se deu em relação à trajetória escolar dela, da educação infantil até o ensino médio, especificamente sobre acessibilidade e o atendimento especializado durante os anos de escolarização. Foi relatado que a participante surda aprendeu Libras na escola, já no sexto ano e ali teve muito apoio nos atendimentos para se desenvolver como pessoa surda usuária da Libras. A estudante entende que seu processo de escolarização foi transformado ao entrar em uma escola polo pública municipal e ali aprender Libras. Especificamente sobre a escolarização vivida no Instituto Federal de São Paulo, a participante relata alguns apoios que obteve de professores em relação a acessibilidade nas disciplinas e no desafio que foi ver essa mudança de rotina de estudos ao sair do ensino fundamental e entrar no ensino médio. Sobre as expectativas da aluna pesquisada no âmbito do ensino superior e/ou do mercado de trabalho, ela relata seu desejo de continuar os estudos no ensino superior, na área de licenciatura e assim, como uma futura docente, contribuir com a comunidade surda, através da formação de novos intérpretes. Nos relatos da entrevistada, percebe-se o importante papel da Língua Brasileira de Sinais, do Tradutor Intérprete de Libras, da acessibilidade nas disciplinas e o papel do Núcleo de Apoio a pessoas com necessidades educacionais específicas.

**Palavras-chave:** Ensino Médio Integrado; Estudante surda; Libras; Intérprete; Acessibilidade

---

<sup>1</sup> Especialista em Educação Bilíngue para Surdos, Tradutora Intérprete de Libras UFSCar - São Carlos, [ityara@ufscar.br](mailto:ityara@ufscar.br).

<sup>2</sup> Bacharel em Tradução e Interpretação Libras/ Língua Portuguesa, Tradutora Intérprete de Libras UFSCar - São Carlos, [sarah.leite@ufscar.br](mailto:sarah.leite@ufscar.br).

<sup>3</sup> Doutorado em Educação Especial, docente IFSP- São Carlos, [crios@ifsp.edu.br](mailto:crios@ifsp.edu.br)

[Digite aqui]

**ABSTRACT:** Even with specific policies and legislation for Special Education appointed in recent years, federal institutes are organized in various ways with different education proposals for students who are part of the *Público Alvo da Educação Especial* (target public of special education). When concerning deaf students in a bilingual context, the desire throughout their education is access to Brazilian Sign Language (also known as Libras) as their first language along with the written modality of Brazilian Portuguese. Based on this context, this research's objective is to describe and analyse the trajectory of a deaf student's educational life, who attended one of the Integrated Technical courses of the *Instituto Federal de São Paulo* (Federal Institute of São Paulo) in the last few months. This student is 19 years old, a daughter of hearing parents, and fluent in Brazilian sign language (Libras). Through the method of interviews, using life history techniques to develop a script and conduct them, our intention is to understand historical and social contexts. The interview lasted about an hour and a half, and was conducted via video call with the three authors and the deaf participant. The questions were asked in spoken Portuguese and the answers were given in Libras, with simultaneous interpretation by the authors/interpreters. The entire interview was registered by a recording device. It was the same tool chosen to register the video call, which was later transcribed for necessary consultations. The interview content describes her school trajectory, from early childhood education to high school years, specifically discussing the accessibility and specialised care provided throughout these years of schooling. The deaf participant narrated that she learned Libras at school in the sixth grade, and expressed how much support and care she had in this process of developing as a deaf person using Libras. The student understands that her schooling process was transformed when she entered this public municipal school where she was taught to speak Libras. Regarding the schooling experience in the Federal Institute of São Paulo, the participant depicts the support she had from teachers in relation to accessibility, as well as the challenges faced in the transition from elementary to high school. In terms of this student's expectations concerning higher education and future opportunities in the labour market, she expresses her desire to continue her studies to graduate at a higher level as a teacher. Her aspiration is to further contribute to the deaf community through the training of new interpreters. In the interviewee's reports, the importance of the role of Brazilian Sign Language, the Libras interpreter, the accessibility in diverse subjects, and the role of the *Núcleo de Apoio* (support centre) for people with specific educational needs is notable.

**Key Words:** Integrated High School; Deaf student; Libras (Brazilian Sign Language); Interpreter. Accessibility

## Introdução

A educação bilíngue é considerada uma abordagem educacional estruturada para pensar na educação de pessoas surdas de forma a contemplar suas especificidades linguísticas e culturais por meio da língua de sinais, de forma a contemplar todos os âmbitos e escolarização da pessoa surda. Sobre a educação bilíngue para surdos, vale ressaltar que se trata de priorizar o ensino através da Libras como primeira língua da pessoa surda e a língua portuguesa, na modalidade escrita, como sua segunda língua. Nessa abordagem, a escola é estruturada de forma a proporcionar ferramentas estruturais e pedagógicas para que os agentes escolares (professores, diretores, coordenadores, supervisores etc) possam ter formação e se organizar de forma a colaborar com a vivência escolar desse aluno na escola e que segundo Fernandes (2011) “envolve uma diversidade de possibilidades e contextos de atendimento” . (FERNANDES, 2011, p. 120).

[Digite aqui]

Após anos de luta da comunidade surda em prol de uma educação bilíngue de qualidade para os educandos surdos, foi aprovado pelo congresso nacional a alteração do texto da lei nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) através da Lei nº 14.191, que dispõe sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. (BRASIL , 2021)

Iremos apresentar alguns agentes que podem estar presentes nessa abordagem, iniciaremos com a presença do professor bilíngue fluente em Libras, que oferece as disciplinas em Libras como língua de instrução. O professor bilíngue atua em uma sala em que irá ministrar os conteúdos em Libras, permitindo que o aluno possa ter contato com os assuntos nessa língua. Nessa sala o professor bilíngue trabalha com alunos de diferentes faixas etárias, podendo ser caracterizada como uma sala multisseriada.

Um outro agente importante presente na abordagem educacional bilíngue, é o instrutor surdo fluente em Libras, profissional em que sua importância é enquanto modelo linguístico e de indivíduo para os estudantes surdos e que é o responsável por trazer as vivências da pessoa surda por meio da Libras de forma a favorecer a aquisição e compreensão desses conteúdos e vivências. Sua principal função na escola é “ensinar e difundir a Libras e os aspectos socioculturais da surdez na comunidade escolar” (FERNANDES, 2011, p. 122) muitas vezes ministrando oficinas que, de acordo com os autores:

as oficinas não tinham o objetivo do ensino sistematizado da língua de sinais, eram oferecidas como um espaço de vivência da língua capaz de proporcionar às crianças surdas tanto a aquisição da língua quanto da formação da identidade surda a partir das especificidades culturais desse grupo (GURGEL et al, p. 68, 2016).

Além das oficinas para as crianças surdas, o instrutor surdo atua na formação e ensino de Libras para as crianças e adolescentes ouvintes, para os docentes e toda a comunidade escolar, ampliando a circulação da língua de sinais neste ambiente e favorecendo uma incisão e acessibilidade comunicacional entre pessoas surda de ouvintes.

Nessa estrutura educacional bilíngue, o instrutor surdo também tem a possibilidade de trabalhar em parceria com o professor bilíngue em uma sala que tem como foco a Libras como a língua de instrução nesse ambiente, sendo ambos responsáveis pela elaboração, sistematização e ensino de conteúdos de forma a

[Digite aqui]

contemplar as múltiplas linguagens e expressões (imagética, plástica, corporal, gestual, dramática e linguística como língua de sinais) para a construção do conhecimento e consolidação contínua de aprendizagem (GURGEL et al., 2016, p.70).

É nesse momento formacional e interativo que a criança tem a possibilidade de se compreender no mundo, compreender quem ela é, quem são aqueles em sua volta e que a sua base linguística é iniciada para que ela possa se expressar com o mundo e com os outros, lhe proporcionando perspectiva de futuro enquanto surdo adulto.

O instrutor surdo também tem como possibilidade de atuação no ensino de Libras para os familiares das crianças surdas em outro momento, espaço importante em que o próprio instrutor irá trabalhar com o ensino da Libras, com aspectos de identidade e com questões relacionadas a essa relação dos familiares e as crianças e adolescentes surdos.

Além do professor de português como segunda língua e o instrutor surdo, a abordagem educacional bilíngue pode contar com a presença do profissional tradutor e intérprete de Libras que atua no ensino fundamental II, ensino médio e ensino superior (BRASIL, 2010). A presença do tradutor e intérprete de Libras ou o termo intérprete educacional (IE) não é indicada no ensino infantil e nem nas séries iniciais, pois nesta fase, as crianças ainda não têm maturidade para distinguir os papéis do professor regente de sala de aula e o papel do intérprete. Além de ser um profissional que trabalha com a tradução e interpretação da língua, não teria um olhar de um nativo surdo sobre a língua no momento da interação. Apesar do profissional intérprete educacional ter fluência para atuar com a língua, não seria indicado para ser um modelo linguístico da criança surda, pois não é um nativo da língua, compreendendo o mundo e tendo vivências diferentes em relação com a vivência surda.

A presença do intérprete educacional (IE) é indicada para atuar no fundamental II (de 6 a 9 ano), no ensino médio, nos cursos técnicos e no ensino superior, em que esse profissional irá atuar em parceria com os professores da sala para pensar juntos em estratégias e formas de permanência desse aluno na escola. Nessa abordagem educacional bilíngue o Intérprete Educacional pode ter um momento de planejamento junto como professor em que irão planejar os conteúdos de forma sistemática em estratégias como os conteúdos irão ser trabalhados para aquele aluno, lembrando que esse planejamento pensado para o aluno surdo colabora de forma geral com todos os alunos, pois as estratégias são pensadas, negociadas, construídas e avaliadas de

[Digite aqui]

uma forma didática, estruturada e com um olhar pedagógico, consequentemente colaborando com o ensino e aprendizagem da sala de aula como um todo LACERDA, 2009; SANTOS, 2014).

Porém, segundo a Lei Brasileira da Inclusão da pessoa com deficiência - LBI (2015), é direito do estudante ter os apoios necessários em todos níveis de ensino, inclusive no contexto da educação profissional Tecnológica, como no ensino médio integrado oferecido no Instituto Federal de São Paulo- IFSP.

É interessante ressaltar que nesse contexto, são previstas ações do profissional na triangulação ensino, pesquisa e extensão “Efetuar comunicação entre surdos/ouvintes por meio da Libras para a modalidade oral da Língua Portuguesa e vice-versa, em atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão” (IFSP, 2020, p. 01). Outra previsão da atuação profissional nesse contexto corresponde ao trabalho em parceria com o Núcleo de Apoio ao Estudante com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), com a Coordenadoria Sociopedagógica (CSP) e com a coordenação de curso. (IFSP, 2020).

O NAPNE faz parte de uma rede de serviço pensada para o apoio do público com necessidades específicas no contexto da Rede Profissional Tecnológica e hoje é realidade na maioria dos campi da Rede. No IFSP, o NAPNE tem como competência promover “ações inclusivas nos câmpus do IFSP, buscando o envolvimento e a participação de toda a comunidade escolar e externa” (IFSP, 2021, p. 03). Não existe previsão institucional para o Atendimento Educacional Especializado (AEE), previsto na LBI. Porém, parte-se do entendimento de que o núcleo tem papel de apoio em ações de ensino, pesquisa e extensão, mas sua existência não supre a necessidade de outros serviços, como o do Atendimento Educacional Especializado, legalmente realizado pelo professor de Educação Especial (SONZA; VILARONGA; MENDES, 2020).

Em observação às políticas públicas voltadas para o ensino dos alunos PAEE dos IFs desenvolvidas até o momento, foi possível observar que vêm sendo atendida a prerrogativa legal, de acordo com a Lei 12.711 de 29 de agosto de 2012 que assegura o sistema de cotas para pretos, pardos e indígenas e que passou a considerar a reserva de 5% das vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos de nível médio e superior das instituições federais de ensino a partir da alteração dada pela Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016.

[Digite aqui]

Considerando o direito a acessibilidade em todos os níveis de ensino, a educação profissional é também um direito, devendo ocorrer em cursos nas redes regulares de ensino seja ela pública ou privada, sendo que compete a estas instituições realizar as adequações que permitam o acesso das pessoas com deficiência ao ensino profissionalizante e ao mercado de trabalho (BRASIL, 2001). Diante desta realidade fica evidente a relevância de estudos voltados ao processo de inclusão dos alunos surdos nos IFs. Com base nesse contexto, o objetivo dessa pesquisa foi descrever e analisar a trajetória e a expectativa de vida escolar/profissional de uma estudante surda, que frequentava o último mês de um dos cursos Técnicos Integrados do Instituto Federal de São Paulo.

## **Metodologia**

Optamos neste trabalho explorar estratégias da pesquisa baseada na história de vida da pessoa entrevistada, visto que compreendemos a história de vida enquanto realidade empírica, que permite a análise da trajetória da vida humana. Segundo Caiado (2005), existe uma vasta literatura sobre as possibilidades de pesquisa com depoimentos orais, sendo assim uma opção metodológica identificada também como uma opção política, dando aos excluídos socialmente o direito à voz.

No caso dessa pesquisa, visamos dar voz ao estudante surdo, visto que para as pessoas com deficiência historicamente sempre alguém tomou-lhe o direito à fala e à decisão. Nesse “tecido da lembrança”, segundo Bosi (2003), existem marcas que apóiam a memória individual do sujeito pesquisado, essa narrativa é um aprofundamento do indivíduo, que se contrapõe entre o tempo interior e o tempo real, organizado pelo sistema. Por ser uma metodologia que envolve uma construção oral ampla, optou-se aqui, por ter como base metodológica para construção do instrumento e para condução da entrevista, porém, se teve como foco aqui a trajetória escolar, com foco na história recente. Optou-se por trabalhar com entrevista, usando-se técnica de história de vida na elaboração do roteiro e condução da entrevista, pois o intuito era compreender o tempo histórico e o lugar social.

O projeto teve aprovação ética pela Universidade Federal de São Carlos em maio de 2020, com parecer favorável pelo processo 30914720.9.0000.5504. A pesquisa foi realizada em um Câmpus do IFSP do interior do estado, que funciona desde 2008 nos moldes atuais e oferece cursos de nível técnico integrado, técnico subsequente, tecnológico, pós graduação, além de cursos de extensão.

[Digite aqui]

Como participante dessa coleta com único sujeito, tem-se uma aluna surda, nomeada neste trabalho com nome fictício de Maria Eduarda, fluente em Libras, matriculada em um dos cursos integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo. A estudante tinha 19 anos, filha de pais ouvintes, fluente em Língua de sinais.

Em relação a coleta de dados, a entrevista foi realizada a partir de um roteiro previamente elaborado, com questões “abertas”. “Essa opção pela entrevista diretiva se baseia na crença de que uma entrevista conduzida em forma de conversa, na medida do possível prolongada, produz melhores resultados do que aquela em que o pesquisador não intervém diretamente.” (ALBERTI, 2004, p. 119). O roteiro teve como foco quatro eixos temáticos: contexto familiar, processos de escolarização, convívio social e expectativas de vida escolar.

Segundo Alberti (2004), é preciso destinar máxima atenção ao entrevistado no momento da entrevista, não somente devido a importância do que é dito, mas pelo estímulo a fala, por isso no momento da entrevista é essencial conduzir com bastante calma, aprender a conviver com os períodos de silêncio costumeiros quando se trabalha com histórias de vida e com memórias individuais.

Antes do início da entrevista, a participante assinou um Termo de Consentimento Livre Esclarecido sobre a participação na pesquisa. Teve duração de cerca de uma hora e meia, foi realizada via vídeo chamada com a presença das 3 autoras e a participante surda. As perguntas foram proferidas em Língua Portuguesa e as respostas foram em Libras, sempre com a interpretação simultânea pelas autoras-intérpretes. Toda a entrevista foi gravada pelo dispositivo de gravação da ferramenta escolhida para a vídeo chamada e posteriormente transcrita para texto para as necessárias consultas. O conteúdo da entrevista foi transcrito integralmente, se deu em relação à trajetória escolar dela, da educação infantil até o ensino médio, especificamente sobre acessibilidade e o atendimento especializado durante os anos de escolarização.

## **Resultados**

Em sua narrativa Maria Eduarda lembrou seu processo de escolarização, iniciando pela educação infantil até o final do ensino médio, em que cursava o último mês de curso. Optou-se pela descrição linear, trazendo aspectos iniciais sobre a

[Digite aqui]

educação infantil e o ensino fundamental, especificamente sobre acessibilidade e o atendimento especializado durante os anos de escolarização dos alunos participantes.

Em relação à sua primeira fase de escolarização, Maria Eduarda (2021) relatou que frequentou uma escola particular em seu município, mas que não era atendida em nenhum apoio de acordo com suas especificidades. Esse apoio era feito pela profissional fonoaudióloga que a acompanha semanalmente, conforme vemos no trecho a seguir:

mas pra mim era muito exaustivo, tudo o que eu tinha que fazer, ler, aprender, as letras que eu tinha que aprender, [...] tinham alguns materiais escolares que me traziam certos benefícios e eu levava esses materiais para a fono e a fono me ajudava a fazer as atividades, porque ali eu conseguia, porque [...] eu tinha duas oportunidades de aprendizado na escola e aqueles materiais na fono. Então com a fono eu aprendi a ler e a escrever. (MARIA EDUARDA, 2021).

Outra dificuldade relatada por Maria Eduarda (2021) foi a falta de flexibilidade no currículo escolar, na qual os professores devem seguir um cronograma de conteúdos previstos e muitas vezes não beneficia os alunos que possuem uma deficiência ou até mesmo aqueles alunos que não se enquadram no público alvo da educação especial, mas que precisam de um tempo maior para a compreensão e assimilação do conteúdo.

parecia que a professora não tinha paciência comigo, que tinha que ir rápido para acompanhar um currículo, um conteúdo programado [...] a fono sempre anotava antes o que tinha que fazer, adaptava, sentava de frente pra mim, mostrava para eu olhar, apontava, explicava pausadamente, ia me mostrando também as funções no aparelho fonador de cada letra, eu ia treinando. [...] ela já tinha os materiais prontos para a área das deficiências e na escola não, era para todo mundo de uma forma geral, era a mesma atividade para todo mundo.

De forma geral, a questão das adaptações curriculares sempre estão em pauta nas discussões pedagógicas e ainda percebe-se um equívoco no que se refere às adaptações necessárias aos educandos surdos. Para este alunado, as adaptações necessárias são, principalmente, as de quebras da barreira comunicacional, através de um professor bilíngue ou a presença de um intérprete educacional na sala de aula, adaptações da apresentação dos conteúdos, priorizando elementos visuais para a explanação dos conteúdos e ainda um tempo maior de prova. Sobre este aspecto a aluna surda relatou que em nenhum momento o que se deseja é uma simplificação



[Digite aqui]

do conteúdo ou exclusão de alguns de forma a deixá-los mais “fácil”, mas sim para que a explicação se torne mais clara e entendível “as adaptações não eram para deixar mais fácil, por exemplo “nossa que difícil, vamos deixar mais fácil”, não. As adaptações eram para deixar mais claro, para eu entender melhor aquilo” (MARIA EDUARDA, 2021).

Ao ser matriculada em uma escola pólo bilíngue, a aluna surda, relata o quão diferente foi em sua trajetória escolar, como um divisor de águas em sua vida. Na nova escola bilíngue, ela pôde conhecer seus pares (outras pessoas surdas da mesma idade que ela) pois “outro aspecto relevante a ser considerado na formação das identidades das crianças é o contato destas com seus pares, identificando-se como iguais, ou seja, como surdos”. (GIAMMELARO; GESUELI; SILVA, 2013, p. 525) e ainda ter contato com um instrutor surdo, que, juntamente com os demais profissionais bilíngues que atuavam na escola, proporcionaram a ela, um contato imediato com a língua de sinais e, através de sua língua matriz, ela logo se desenvolveu enquanto falante de Libras e conseqüentemente, pôde se apropriar melhor dos conteúdos escolares e foi através desse contato e a partir dessas relações que sua identidade enquanto pessoa surda foi sendo construída. Conforme vemos no trecho a seguir:

. [...] nessa relação eu recebia muito conhecimento, bem mais do que antes, antes eu não tinha nenhum, então eu ia conversando com as pessoas e as pessoas iam realmente me proporcionando conhecimento, me explicando várias coisas nessa troca, nessa relação, (MARIA EDUARDA, 2021).

Foi relatado que a participante surda aprendeu Libras na escola, já no sexto ano e ali teve muito apoio nos atendimentos para se desenvolver como pessoa surda usuária da Libras. A estudante entende que seu processo de escolarização foi transformado ao entrar em uma escola polo pública municipal e ali aprender Libras.

Nas várias experiências vividas na escola pólo bilíngue que estudou no fundamental II, a entrevistada conta sobre materiais para estudo “[...] mas no Dalila sempre tinham materiais em vídeo para conseguir ajudar nesses estudos [...]”, Maria Eduarda está se referindo a um dos trabalhos que a escola e a equipe de intérpretes ofereciam aos estudantes. Havia conteúdos das aulas que eram traduzidos e gravados em DVD’s e disponibilizados aos estudantes que tinham condições de usar e estudar em casa aquele material, com o combinado de devolver para que o colega pudesse fazer a retirada daquele material e estudar também.

[Digite aqui]

## **Escolarização no Instituto Federal de São Paulo**

Sobre o percurso de escolarização no IFSP, Maria Eduarda relata apoios e desafios que obteve de professores em relação à acessibilidade nas disciplinas, fala sobre desafio da rotina de estudos no contexto do ensino médio integrado.

O principal desafio vivenciado pela estudante no percurso foi a falta do intérprete educacional durante parte do seu percurso escolar, “comecei com 1 intérprete e de repente, eu estava sem intérprete educacional [...] Mesmo antes de entrar no Ensino Médio, eu já estava muito preocupada em estar em uma escola sem intérprete” (MARIA EDUARDA, 2021). Fato ocorrido com a exoneração de um servidor do campus e em virtude da demora de um novo processo de seleção para um novo profissional. O Decreto nº 5626/05 em seu artigo 21 traz que “as instituições federais devem incluir em seus quadros, em todos os níveis, etapas e modalidades, o TILS para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e a educação de alunos surdos” (BRASIL, 2005, s/p), porém, todavia se esbarra no processo burocrático e em entraves econômicos para a garantia desse profissional, trazendo danos no processo de ensino inestimáveis para os estudantes surdos.

Tiveram intérpretes, sim, eu me desenvolvi bem. Houve esforço, eu me esforcei. Tiveram pontos positivos e aprendi muito. Mas também tiveram alguns pontos do curso que foram muito difíceis, como as adaptações das aulas para a pessoa surda, foi um aspecto muito difícil, de verdade! [...] (MARIA EDUARDA, 2021).

A ausência de TILS tem sido uma das principais causas de evasão de estudantes surdos no contexto da Rede EBTT, como na experiência vivida pelo Instituto Federal de Brasília.

Foram verificados vários pontos negativos: a falta de experiência, a falta de sensibilização com o grupo, a não orientação prévia aos docentes, a falta de atendimento individual, ausência de adaptação pedagógica, ausência do TILS. Assim, nesse caso, podemos concluir que não houve acessibilidade para que João Pedro permanecesse no Instituto, ou seja, o IFB foi negligente com este aluno, o que resultou na sua desistência do curso técnico. (FONSECA; FLORINDO, 2021, p. 27).

Algumas ações docentes podem ser relevantes para não vivenciarmos situações como a apontada por Maria Eduarda (2021), “Mas eu percebi que alguns professores não tinham a compreensão de quem é a pessoa surda. (...) “e eles falavam apenas que estava errado, mas não explicavam o que não estava certo [...]

[Digite aqui]

por isso eu sofri muito em relação à escrita do português com os professores.”. Por exemplo, o texto de orientações e diretrizes (IFSP, 2020, p. 03) aponta que deve-se “permitir que o estudante se use e se expresse por LIBRAS em suas atividades e avaliações; quando houver domínio da Língua Portuguesa, acessibilizar a avaliação escrita em uma linguagem objetiva e sucinta; respeitar a escrita do estudante e a estrutura gramatical da Libras na escrita da Língua Portuguesa”<sup>1</sup>. Aqui se enfatiza também a parceria entre os docentes e os intérpretes.

adequar o conteúdo didático a realidade da pessoa surda com uma linguagem simples e objetiva, de acordo com as habilidades/competências do discente, as quais deverão ser previamente diagnosticadas pelos próprios docentes em parceria com o TILSP (IFSP, 2020, p. 04).

Porém, alguns relatos positivos também foram apontados, como nas aulas de português ministradas pela docente, em parceria com o intérprete educacional, reafirmando a importância do trabalho em colaboração entre o docente e o IE nos momentos de planejamento, em sala de aula e de feedback sobre as estratégias e conteúdos que foram trabalhados e o desempenho dos estudantes em relação a essas estratégias, em que não favorecem apenas ao discente surdo, mas todos os estudantes.

[...] Porque eu nunca havia tido aquele conhecimento que ela me trouxe, a forma que ela trouxe, parece que deixou as coisas mais fáceis, pela forma que ela deu aula. [...]. Sempre marcando sujeito - verbo - complemento. antes disso eu tinha um trauma em relação ao ato de escrever e isso me marcou, “que a frase deveria ter sujeito +verbo+complemento. E eu lembro muito disso que ela me ensinou. [...]. (MARIA EDUARDA, 2021).

As aulas de português e inglês eram ministradas pela mesma docente, que, com apoio do NAPNE e com estratégias traçadas em uma reunião coletiva de planejamento, com participação dos docentes, intérpretes, NAPNE, familiares, estudantes e especialista da UFSCar construiu uma rica experiência, que contemplava momentos individuais com a estudante “[...] Eu tinha a aula de Português (com os ouvintes), mas também tinha a aula de Português separado, específica para os surdos. [...] . [...] e a minha aula de inglês era realizada em outro momento [...] só nós duas ali no computador, me mostrando, me fazendo entender como funcionava, ampliando o meu vocabulário em inglês.... no computador.” (MARIA EDUARDA, 2021). Estratégia também sugerida por (IFSP, 2020)

[Digite aqui]

Reservar ao discente surdo um horário de atendimento individual, pré-agendado, da disciplina ministrada para promover esclarecimentos de dúvidas e mais compreensão do que foi estudado em classe. Neste momento o estudante precisa rever os conteúdos mais relevantes ministrados em aula de forma mais visual e detalhada, sendo este preparado para o momento da avaliação (IFSP, 2020, p. 04).

A estudante relata aspectos comuns a muitos estudantes do contexto do ensino médio integrado, que tem relação direta com a carga horária e com a quantidade de conteúdos explorados no técnico integrado. Fato importante para se ressaltar que existem questões contextuais que não estão ligadas a falta e acessibilidade, mas a necessidade da instituição retomar as discussões sobre nossos currículos. “ Mas o maior desafio para mim foi devido ao curso ser integrado ao ensino médio [...] os professores da área técnica [...] Eles dão boas aulas , sim, têm um conteúdo muito denso... mas a forma de ensinar, as adaptações necessárias não adiantava . (MARIA EDUARDA, 2021).

Outra estratégia destacada pela estudante teve relação com o uso de slides em sala de aula, que era realizada por um número pequeno de docentes “questão dos slides, que muitos não sabiam que precisava colocar a palavra em destaque, de uma outra cor; pois as palavras importantes deveriam estar em destaque” (MARIA EDUARDA, 2021).

Explorar recursos visuais nas aulas, como uso de cores para destacar fórmulas, palavras-chaves e títulos. Também explicar a matéria de forma simples e visual, principalmente os conteúdos mais complexos, com uso de demonstração, desenhos, cores nas fórmulas e correspondências numéricas (IFSP, 2020, p. 04),

Em pesquisa realizada por Freitas e Silva (2021) sobre o processo de inclusão dos alunos surdos nos Cursos Técnicos do Instituto Federal do Amazonas, em que são participantes 06 estudantes surdos, 06 docentes, 04 pedagogas, 01 representante do NAPNE e 02 Intérpretes e Tradutores de Libras, com coleta realizada por entrevistas, observações e rodas de conversa, concluiu-se que todavia é necessário formação de servidores de servidores que atuarão com esse estudante. Segundo os autores, não basta somente garantir a vaga a entrada desse estudante, mas é preciso também pensar no suporte necessário para permanência e êxito. Análise realizada por meio de falas como essa dos

[Digite aqui]

servidores do campi analisado, que nos remetem a necessidade de olhar para todos os sujeitos envolvidos nesse processo e de se pensar na construção coletiva de acessibilidade para o estudante.

Professor 6 - “[...] eu, por exemplo, sou um exemplo de pessoa que não foi preparado pra receber esse tipo de aluno, a gente foi aprendendo com a convivência e aprender com a convivência, às vezes é ruim pra quem está do outro lado, quem tá tentando aprender”.

Intérprete 2 - “[...] Eles não sabem o que fazer, então, a gente pode trabalhar também nesse aspecto de preparação de assistência ao professor, como ele prepara o material, como ele vai adaptar uma aula pro deficiente auditivo, pro aluno surdo, então esse é um ponto também que a gente tem que levar em consideração” (FREITAS; SILVA, 2021, p. 15).

O documento escrito pelos profissionais do IFSP também destaca outra função importante para a prática no contexto da educação profissional em seus diferentes cursos, que é a previsão da criação de “glossários internos com sinais específicos de determinadas áreas” (IFSP, 2020, p. 02)

Então, neste projeto o nosso grupo pesquisava, fazia o combinado dos sinais antes, mostrando e combinando, “este é o sinal. Vamos combinar este sinal?” E como era feita a estrutura da programação. E aí, depois na aula, eu conseguia acompanhar. Isso me ajudou muito! . [...] ali eu podia perguntar tuuudo<sup>4</sup> pra ela e tirar todas as minhas dúvidas e assim ia com menos dúvidas para a sala de aula [...] (MARIA EDUARDA, 2021).

A parceria do intérprete educacional não acontece apenas com o professor, mas também com os outros participantes do ambiente escolar, é importante que os estudantes ouvintes tenham conhecimento sobre quem é esse outro estudante surdo e assim poder ser construída uma relação entre estudantes, como acontece entre os ouvintes. A entrevistada afirma “[...] A interação com os ouvintes no IFSP era maravilhosa. Todos me respeitavam, aceitavam minha forma de ser ... eu gostei muito da interação com os ouvintes no IFSP. [...]”, são nesses momentos que o estudante surdo irá poder construir uma relação e proximidade com o estudante ouvinte, dessa forma poderá experimentar as mais diferentes situações que os estudantes ouvintes vivenciam entre si, e o IE vem nesse cenário para colaborar com as possíveis barreiras linguísticas que possam aparecer no meio do caminho, mas que com alguns ajustes

---

<sup>4</sup> Neste trecho da transcrição, optou-se por manter a ênfase dada pela participante surda através da expressão facial, mostrando intensidade na fala. A estratégia escolhida então, foi a da repetição da letra que se assemelha à forma verbalizada pela intérprete-autora no ato da interpretação simultânea.

[Digite aqui]

e colaboração podem ser resolvidas. Maria Eduarda mostra o quão essa parceria do IE e os estudantes ouvintes colabora para a aproximação entre os estudantes, conseqüentemente proporciona uma possibilidade de trajetória escolar mais interativa e próxima da pessoa surda e a pessoa ouvinte, colaborando para um futuro mais inclusivo para ambas as partes.

A presença da equipe multiprofissional nos campi é um diferencial da composição das escolas da Rede Profissional Tecnológica. No IFSP, ela compõe a Coordenadoria Sociopedagógica, que trabalha concomitante e simultaneamente em uma ação técnica, com objetivo de contribuir para o processo educativo, com ações diretas de orientações e apoio a estudantes e servidores, entre eles docentes.

[...] Essa questão de aprendizagem das regras, sabe? Não pode haver violência, não pode haver preconceito... já tem isso no IFSP e eu me sentia segura em relação a isso, com essas normas de convivência. Lá tínhamos a pedagoga, a psicóloga... e eu me sentia segura com esses atendimentos que não tinham no (escola anterior). Essas questões relacionadas aos meus direitos eram interessantes e ali no IFS eu me sentia segura. [...] (MARIA EDUARDA, 2021).

O estudo de Silva e Oliveira, 2020, de uma experiência de ensino realizada no em um Curso Técnico Integrados ao Ensino Médio de um Instituto Federal da região sul do Brasil, nos alerta sobre a importância de planejamento e um tempo necessário para elaborar materiais acessíveis para os estudantes surdos, sobre a necessidade da colaboração entre o docente da disciplina, o docente do AEE e o intérprete educacional. Mas, quando isso acontece, é possível defender que o “sujeito Surdo tem capacidade para aprender conceitos complexos desde que respeitada sua especificidade linguística e cultural” (p. 19).

### **Expectativas no âmbito do ensino superior e/ou do mercado de trabalho**

Em relação às expectativas no ensino superior e/ou no mercado de trabalho, a aluna entrevistada relata que deseja dar continuidade aos estudos no ensino superior, sua área de escolha é direcionada à licenciatura, com o objetivo de se tornar docente e colaborar com a formação de tradutores e intérpretes de Libras e com a comunidade surda.

[...] e eu queria Letras-Libras, mas infelizmente não tinha um Letras-Libras próximo daqui, tem em São Paulo.eu pesquisei, só tem pedagogia bilíngue... [...] eu acredito mesmo que eu vá me mudar para o Ceará, em Fortaleza, na verdade, na Universidade Federal de Fortaleza, porque lá tem

[Digite aqui]

Letras Libras. [...] [...] Mas... se não der certo ir pra Fortaleza, então eu vou pra UFSCar mesmo, fazer educação física, licenciatura ou bacharelado, ainda não sei! [...] Porém, eu não tenho muuuuita vontade de fazer Educação Física... o que eu prefiro mesmo é o Letras Libras. Eu amo! [...] [...] Eu me vejo formada em Letras Libras e colaborar nessa área como a interpretação, a formação de intérpretes, a educação... [...] (Maria Eduarda, 2021).

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é uma das universidades que oferece o curso Letras-Libras e que apresenta em seu site como funciona essa formação, que se trata de uma graduação que tem como opção o bacharelado e a licenciatura em Letras com ênfase em Libras, em que o bacharelado tem o objetivo de formar o estudante para atuar em diferentes áreas, assim como o bacharel em Letras, atuar inclusive na tradução e interpretação de Libras/ Português. Já a licenciatura, permite que este profissional atue como professor de Libras no ensino fundamental e médio.

A preocupação da entrevistada em se formar para colaborar com a formação dos futuros tradutores e intérpretes de Libras visa a colaboração direta com a comunidade surda, pois este é o profissional que acompanha a pessoa surda em sua trajetória escolar e no decorrer de sua vida de adulto. Logo, é imprescindível que esse profissional tenha conhecimentos específicos da comunidade em que irá trabalhar, pois irá atuar diretamente na educação e formação de um ser e futuro cidadão. Os conhecimentos que esse profissional precisará não apenas conhecer, mas sim refletir no seu cotidiano profissional para melhor desenvolver seu trabalho, conhecimentos como os aspectos culturais, linguísticos e aspectos relacionais que interferem de forma direta na educação e formação das pessoas surdas e em seu processo de pertencimento da sociedade de forma geral.

Quando a entrevistada relata que pretende atuar na formação do profissional tradutor e intérprete de Libras significa que seu objetivo é colaborar desde a base para que a criança surda possa desenvolver suas potencialidades educacionais, cognitivas e individuais com qualidade e sem limitações, mas que para isso é preciso ter a presença de profissionais que possam colaborar efetivamente com esse desenvolvimento.

### **Considerações finais**

Retomando o objetivo desse trabalho que foi “ descrever e analisar a trajetória e a expectativa de vida escolar/profissional de uma estudante surda, que frequentava

[Digite aqui]

o último mês de um dos cursos Técnicos Integrados do Instituto Federal de São Paulo”, pode-se concluir que a estudante entende que seu processo de escolarização foi transformado ao entrar em uma escola pública municipal e ali aprender Libras. Especificamente sobre a escolarização vivida no Instituto Federal de São Paulo, a participante relata alguns apoios que obteve de professores em relação a acessibilidade nas disciplinas e no desafio que foi ver essa mudança de rotina de estudos ao sair do ensino fundamental e entrar no ensino médio.

Sobre as expectativas da aluna pesquisada no âmbito do ensino superior e/ou do mercado de trabalho, ela relata seu desejo de continuar os estudos no ensino superior, na área de licenciatura e assim, como uma futura docente, contribuir com a comunidade surda, através da formação de novos intérpretes educacionais. Nos relatos da entrevistada, percebe-se o importante papel da Língua Brasileira de Sinais, do Tradutor Intérprete de Libras, da acessibilidade nas disciplinas e o papel do Núcleo de Apoio a pessoas com necessidades educacionais específicas.

Por se tratar de uma experiência única, o estudo traz a riqueza de trazer a voz da pessoa surda, mas sinaliza como limite da pesquisa entender como isso ocorre em outros contextos, cursos, parcerias de profissionais, ficando como sugestão para estudos futuros. Ressalta-se também a particularidade de uma finalização de curso em um período de pandemia mundial e ensino remoto, que constitui-se como um desafio para escolarização como todo.

### **Referências bibliográficas:**

ALBERTI, V. **Manual da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Lei nº 9394 de 1996, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 05 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília: SEESP, 2001.

BRASIL. Decreto nº 5.626, DE 22 de novembro de 2005. **Regulamenta a Lei no 10.436**, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2005.



[Digite aqui]

BRASIL.. **Lei nº 12.319, de 01 de setembro de 2010.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 01 de setembro de 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm)>. Acesso em: 05 nov.2021.

BRASIL, **Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 03 de agosto de 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm)>. Acesso em: 06 nov.2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Altera a Lei 12.711/2012 que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Brasília: MEC, 2015.

BRASIL **Lei nº 13.409 de 28 de dezembro de 2016.** Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 03 de agosto de 2016. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/l13409.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13409.htm)>. Acesso em 06 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 03 de agosto de 2021. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm)>. Acesso em: 05 nov.2021.

CAIADO, K.R.M. Histórias de vida e deficiência: reflexões sobre essa abordagem de pesquisa. In: JESUS, D.M. (Org.) **Pesquisa e educação especial: mapeando produções.** Vitória: EDUFES, 2005.

Faculdade de Letras Universidade Federal do Rio de Janeiro. Letras-Libras, 2021. Disponível em < <https://www.portal.letras.ufrj.br/graduacao/cursos-de-graduacao/letras-libras.html>> acesso em: 07, de nov de 2021.

FERNANDES, S. **Educação de surdos.** 2ª ed. atual. Curitiba: IBPEX, 2011.

FONSECA, A. C.; FLORINDO, G. M. F. Educação Profissional para surdos no IFB: uma proposta possível? **Revista Eixo:** v. 1 n. 2 (2012). DOI: <https://doi.org/10.19123/eixo.v1i2.24>;  
<http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/24>

FREITAS, C. R.s de; SILVA, C. C. da. A inclusão de alunos surdos em um Instituto Federal: pontos e contrapontos. **Revista Prática Docente,** v. 6, n. 1, e021, 2021. <http://doi.org/10.23926/RPD.2021.v6.n1.e021.id976>

[Digite aqui]

GIAMMELARO, C. N.; GESUELI, Z. M.; SILVA, I.R. **A relação sujeito/linguagem na construção da identidade surda.** Educação e Sociedade, Campinas, v. 34, n. 123, p. 509-527, abr.-jun. 2013.

Disponível em <http://scielo.br/j/es/a/ZVydLLyBCL89sdQKhCRGrbh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 06 nov. 2021

GURGEL, T. M. do A.; TURETTA, B.A. dos R.; ROSA, Luciana. A.; SILVA, R. R. Aquisição de Libras na Educação Infantil - um trabalho a partir de narrativas. In: LACERDA, C.B.F; SANTOS, L.F; MARTINS, V. R. de O. (orgs). **Escola e diferença: caminhos para educação bilíngue de surdos.** São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 65-78.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO. **Resolução 138 de 04 de novembro de 2014.** Aprova o regulamento da Coordenadoria Sociopedagógica. São Paulo: IFSP, 2014.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO. **Instrução Normativa N° 001, de 13 de agosto de 2020. Estabelece orientações e diretrizes sobre as formas e estratégias de trabalho do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais/Português -TILSP no âmbito do IFSP.** São Paulo: IFSP, 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO. **Portaria Normativa Ret IFSP nº 8, de 28 de junho de 2021.** Dispõe sobre o Regulamento do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) e Revoga a Resolução nº 137 de 04 de novembro de 2014. São Paulo: IFSP, 2021.

LACERDA, C.B.F. **Intérprete de LIBRAS:** em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.96 p.

SANTOS, L. F. O fazer do intérprete educacional: práticas, estratégias e criações.2014. 200p. Tese (Doutorado em Educação Especial) Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, 2014. Disponível em <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2930/6164.pdf?sequence=1> . Acesso em 06 nov. 2021

SILVA, M.; OLIVEIRA, H. (2020). Formação profissional integrada ao ensino médio: um estudo de caso com estudante surdo. **Revista Educação Especial**, 33, e4/ 1-23. doi:<https://doi.org/10.5902/1984686X39507>.  
<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/39507>

SONZA, A. P.; VILARONGA, C. A. R.; MENDES, E. G. Os Napnes e o Planejamento Educacional Individualizado nos Institutos Federais de Educação. **Revista Educação Especial**, v.33, 2020.